
005 OS RESIDENTES

RAIMUNDA

Era uma vez São Paulo, 1954. Dona Ida Bastos armou dezenas de bancos de madeira, sintonizou a tevê no *Cirquinho do Arrelia* e chamou as crianças da região. Pedacos fofos de bolo na mão esquerda, grandes copos de leite na direita: 1954 foi um ano adorável.

Meses antes, Ida era uma bailarina pobre de cabaré. Tudo virou do avesso quando Felício Bastos, um magnata de Guaratinguetá, apaixonou-se por ela. Em pouco tempo se casaram e foram morar na enorme vacaria da família, localizada justamente na área em que hoje é o terminal do Tietê.

Na época, a família pobre das irmãs Josefa e Raimunda morava ali perto, na rua da Coroa, ao lado de uma capelinha que ainda resiste. A pequena Raimunda gostava de passear pelo pântano, no terreno do futuro terminal rodoviário, apesar das tantas cobrinhas d'água que pulavam em sua perna. Mas o que mais empolgava a menina eram as tardes de bolo de chocolate e *Cirquinho do Arrelia* na propriedade dos Bastos.

Enquanto Ida e Felício criavam gado leiteiro e enriqueciam, a família inteira das irmãs Raimunda

e Josefa trabalhava na fábrica de barbantes Colli (rua Voluntários da Pátria, 499, ela lembra até hoje). O pai das meninas era muito amigo do dono da fábrica, e por isso elas recebiam vestidos e roupas usadas da filha rica do patrão. Também devido a essa amizade providencial foi que, quando a fábrica pegou fogo e todos perderam o emprego, o pai de Raimunda e Josefa conseguiu novo trabalho como vigia no casarão do dono da firma incendiada.

Quanto à jovem Raimunda, foi trabalhar na indústria de tapetes Atlântida (onde hoje é o Arquivo do Estado), da qual pediu demissão ao perceber que um dos supervisores costumava observar – do alto – os seios das meninas sentadas a fiar os tapetes, vestidas apenas com um avental leve. Escandalizada, Raimunda saiu da fábrica e continuou a trabalhar em casa, proibida pelo pai de cursar uma faculdade. Apenas os irmãos homens tinham esse e outros privilégios, como ganhar um animal de estimação: “Tinha um carneirão lindolindo que era do meu irmão. Eu não podia nem passar a mão nele”, relembra Raimunda, indignada.

Num belo dia, o filho dos riquíssimos Ida e Felício Bastos desistiu de ser padre e casou-se com Josefa, irmã de Raimunda. Tudo parecia se encaminhar para um final feliz quando, no final da década de 1970, um engenheiro visitou Felício e disse que ele iria perder todo aquele terreno devido às futuras construções do metrô; que não

receberia quase nada de indenização e que o melhor seria vender a área antes que ela se desvalorizasse por completo. Felício acreditou no conto e vendeu a vacaria por um preço baixíssimo. Morreu “de tristeza” alguns anos depois.

Raimunda, lindíssima, casou-se com um italiano e, tempos mais tarde, cursou a faculdade, como sonhava. Queria fazer jornalismo, mas acabou escolhendo outra profissão e hoje trabalha como assistente social no terminal do Tietê, onde ouve apenas histórias que não acabam bem.

GILENO

– Mil novecentos e setenta! Era bem à noite e a gente ouvia a cavalaria, toc, toc, toc, dava um medo danado e daí a gente se escondia lá no mamonal.

Gileno é porteiro do estacionamento dos funcionários há seis anos, e na década de 1970 morava na avenida Cruzeiro do Sul. Ele diz que se lembra dos pés de mamona outrora fincados no brejo que hoje é o terreno da rodoviária.

Ao longo de tantas décadas, Gileno foi sinalizador de rua, faxineiro do Pavilhão do Anhembi, auxiliar de manutenção, oficial hidráulico, dono de bar, operador de caldeira, entregador e motorista particular de um político do PDS.

Hoje passa oito horas por dia dentro de uma cabine localizada nos fundos do terminal do Tietê, fiscalizando a entrada e a saída de veículos dos funcionários e caminhões de carga e descarga. Cuidado aí na calçada: o caminhão é grande, alguém grita. “É grande e o motorista é barbeiro!”, brinca Gileno. Entre um levantar de cancela e outro, acaba confessando que sua aposentadoria estava marcada para o ano 2000 (quando a filha caçula completaria dezenove anos), mas devido a problemas de registro em carteira teria que aguardar mais um bom tempo.

– Logo que acabar o serviço eu saio direto daqui com a passagem na mão – afirma.

Já está decidido: vai levar a mulher para a Bahia e deixar em São Paulo os filhos e netos, que não podem acompanhá-lo. “Inclusive o carrapatinho”, o neto de três anos, muito apegado ao avô.

– De jeito nenhum: você não pode sair daqui, pai! Se você for embora, ele vai morreeer – dramatiza a filha mais velha, referindo-se à tristeza do menino. Todos os domingos, Gileno e o carrapatinho vão jogar bola no Horto Florestal.

– Ah! Então não tem problema, não. Eu levo ele comigo...

FELIPE

Blusa e calça amarela, quepe de carregador. Felipe tem vinte anos e está sentado em cima de um carrinho de transportar bagagem. Com a mão esquerda envolta em uma atadura, segura uma corda branca ligada ao portão de acesso à avenida Cruzeiro do Sul. Por ali, só podem passar funcionários e carregadores – e é precisamente o que faz Felipe naquela função emocionante: controlar a entrada e a saída das pessoas autorizadas, com a ajuda do cordãozinho.

Chega um carregador e ele puxa o fio, abrindo o portão de grades verdes. Então espera uns segundos, larga a corda e suspira. Felipe ouve música em um walkman e diz que prefere transportar bagagem, porque aquele posto ali é muito chato. Ele foi escalado para puxar cordinha pois sofreu um acidente de moto e machucou a mão, ou seja, não teria condições de trabalhar por algum tempo.

Todos os 182 carregadores dos terminais de São Paulo pertencem ao SCTBERSP – isso mesmo: Sindicato dos Carregadores e Transportadores de Bagagens em Estações Rodoviárias de São Paulo. Para trabalhar na categoria, é preciso obter uma “chapa” com o número no sindicato – isso se algum parente ou conhecido se aposentar e repassar o número para você. São apenas 182 chapas (crachás), nem mais nem menos. “Um avô do meu primo me passou esta aqui”,

esclarece Felipe (o 174). Seu colega (Peterson, 069), que conseguiu a chapa com a ajuda do pai (José, 017), está satisfeito por ter arrumado o emprego e faz um balanço da profissão: “É, aqui não ganha mal, não é tão ruim... mas não é nenhuma maravilha”.

Todo o dinheiro obtido pelos sindicalizados é depositado diariamente em um caixa único. No final do mês, a quantia é dividida conforme as horas de serviço de cada um; em geral cada funcionário recebe um salário de 1.500 a 2 mil reais. “Pô, eles ganham bem pra caramba!”, comenta um dos seguranças do terminal, parado em pé há mais de seis horas e morrendo de inveja. Sabe que é impossível conseguir uma vaga sem conhecer alguém do ramo, pois as oportunidades são restritas a um grupo pequeno de parentes e amigos.

Um senhor de amarelo pede passagem a Felipe. Leva dezenas de malas amarradas a cinco carrinhos de ferro, com a ajuda de nós intrincados cujos nomes marinheiro algum conhece. Engata um atrás do outro e vai tocando, sem olhar pra trás. A procissão de fardos gigantes segue obediente, até que um dos carrinhos desembesta da fila e o carregador para, volta a encaixá-lo e continua a caminhada, em silêncio. Lá fora, uma moça acerta os valores a serem pagos (o preço mínimo é dois reais; o máximo é seis) e outro carregador emite uma nota cor-de-rosa. Combinam de se encontrar na plataforma tal, em tal

horário, pouco antes de sair o ônibus, segundo o bilhete de passagem.

A apresentação dos dados da partida é obrigatória, pois já houve casos em que a pessoa se distraiu e disse que embarcaria às 20h30, plataforma 12; só depois percebeu que o número certo era 22, mas então a mala já tinha sido despachada para Jijoca de Jericoacoara, ou algo assim. Por isso, os moços de amarelo sempre checam o bilhete e esperam o passageiro aparecer antes de despachar as malas – ou então aguardam na plataforma 1 ou 51, caso a passagem não tenha sido comprada. A moça sobe as escadas, mãos abanando, e o funcionário entra pelo portão com três malas gigantes empilhadas sob rodinhas de madeira e borracha.

– A gente cobra por volume e peso. Antes era só por volume, então o sujeito fazia um saco daqui até lááááá, de uns duzentos quilos, e pagava a taxa mínima. Um volume só, né! – explica Felipe.

Peixe, sofá, caixa de queijo, fogão, lustre, armário, roda de carro, peça de caminhão, até moto eles carregam. Quando quebram ou perdem alguma coisa, o caixa único do sindicato cobre a despesa. Trabalham oito horas por dia, escolhem as datas de folga (sábado e domingo é proibido) e tiram férias quando querem. Se chegam atrasados ou faltam, o tempo é descontado do salário final.

A sede do sindicato fica perto do terminal. Tem dois andares e foi construída pelos próprios carregadores – entre eles há engenheiros, emprei-

teiros, pedreiros, soldados; os que sabem fazer determinada coisa são deslocados para a função sempre que necessário, economizando assim dinheiro do caixa. Felipe, por exemplo, faz ciência da computação e é responsável por configurar e consertar os computadores do sindicato.

No momento, porém, não vê a hora de tirar a atadura da mão esquerda e voltar a guiar carrinhos de bagagem, porque passar oito horas por dia puxando uma cordinha – acredite – é mesmo muito, mas muito chato.

BONFIM

- Senhor segurança! Por favor, senhor segurança!
- Pois não?
- O senhor está ciente do problema das freiras neste terminal?
- ...?
- Quais as medidas adotadas pelo corpo de guardas para equacionar a questão?
- ...?
- Elas pertencem a uma organização global ou agem separadamente, de maneira furtiva?

Das dez da manhã às dez da noite, Bonfim pode ser encontrado nos corredores do terminal, em pé. Olha para os lados, dá uma volta, observa atentamente um rapaz com um tigre de pelúcia na cabeça. Nada de anormal (algumas ocorrências médicas, um

bêbado aqui e ali). Isso se repete doze horas por dia, cinco dias por semana; Bonfim caminha, com o radiotransmissor na mão, e aprecia a paisagem. Sempre atento.

Os seguranças do terminal trabalham para a empresa Líder, contratada pela Socicam. Usam roupa azul-marinho, sapatos pretos e quepes. Comunicam-se pelo radiotransmissor.

– A Raquel tá ali na ponte querendo entrar.

– ...

– A Raquel tá chegando aqui, próximo à lotérica!

– ...

– Bonfim, traz bateria aqui pra RB.

O segurança deixa a Raquel pra lá e vai entregar uma bateria de rádio a um dos colegas, na rampa baixa – a que leva ao metrô, sentido Jabaquara. A rampa da direita, inclinada para cima, conduz à plataforma dos trens no sentido Tucuruvi.

Raquel é uma das pedintes que aparecem com frequência na área do terminal. Os seguranças sabem como eles se chamam, trocam mensagens no rádio e tentam impedi-los de entrar. “Tem uns que ainda chegam pra gente e dizem: ‘O que nós tiramos aqui num dia vocês não tiram num mês’.” Há os que passam semanas pedindo dinheiro para “completar” uma passagem de ônibus, outros tentam entrar pelos fundos. Os seguranças vão atrás.

Um deles estava de plantão quando sentiu um cheiro horrível no ar, cheiro de podre. Parecia vir de uma mala. Perguntaram ao dono o que havia

ali dentro e ele dizia que não era nada, e além disso não estava sentindo cheiro algum. Moscas de variadas espécies já circundavam o local. Os seguranças chamaram reforços e convenceram o homem a mostrar o que havia lá dentro. Quando abriram a mala, a surpresa: era uma peça enorme de carne-seca, completamente podre, infestada de vermes brancos. “Joga isso fora, homem!”

– Jogo, não: chegando em casa, é só bater nela, pôr no varal e tirar os bichinhos. Daí tá pronta pra comer!

AUGUSTA

Ela está sentada atrás do balcão, em silêncio. De vez em quando conversa com um faxineiro da área masculina do banho, resolve palavras cruzadas ou apenas suspira. Augusta trabalha na limpeza do terminal há seis anos, mora em São Miguel Paulista e troca a escala de quinze em quinze dias – suas funções são limpar os banheiros, varrer os corredores e ficar no balcão de cobrança do banho. A área de que mais gosta é justamente essa, pois ao menos pode se sentar. Agostinha, como é chamada, já tem uma certa idade e, além disso, uma queimadura no pé. As outras funções, sobretudo a de varrer os corredores, são exaustivas demais e é difícil conseguir uma pausa para

descansar as pernas. O horário de trabalho dela é das 14h às 22h.

BANHOR\$ 5,00
DEPÓSITO DA TOALHAR\$ 10,00
(Depósito devolvido contra a entrega da toalha)
Não nos responsabilizamos por objetos deixados
nos boxes ou sanitários

Ela é de Itabuna, Bahia, de onde veio com quatro anos de idade. Nunca mais voltou, mas pretende fazê-lo no futuro. Diz que gosta muito de trabalhar para a Socicam pois eles pagam em dia, tratam bem os funcionários e até distribuem lembrancinhas em datas comemorativas como o Dia das Mães.

No balcão de cobrança, Augusta exibe os diversos apetrechos à disposição: um testador de cartão telefônico, um detector de notas falsas com o slogan “O Exterminador de Notas Falsas” (coloca-se a cédula sob o leitor magnético; se a luz é roxa a nota é verdadeira, do contrário a luz é azul) e um talão de notas fiscais: “Banho – R\$ 5,00”.

Um homem sai da área masculina do banho e Augusta pergunta se ele tem alguma toalha para devolver. Diante da negativa: “Usei a minha”, ela agradece. “Tava bom o banho? Tá limpinho? Deixa eu ver a sua orelha”, Augusta poderia ter dito, fiscalizando a higiene pessoal dos usuários, como uma mãe.

Pois o que deixa a funcionária irritada não são as notas falsas, as toalhas roubadas ou os cartões

telefônicos com defeito: é a falta de educação dos usuários nos banheiros e nos corredores. “Olha só”, diz, mostrando um vaso sanitário cercado de papéis sujos. “O lixo está aqui do lado, e eles jogam tudo no chão. Pra mim, é de propósito.” Ela também fica indignada com as mulheres que puxam os filhos pela mão e saem distribuindo tapas pelo caminho, só porque eles não conseguem acompanhar o passo. “Olha lá, você viu?”, aponta Augusta, sem tirar os olhos da cena. Depois empunha o rodo com raiva e volta a passar pano no chão, ainda olhando para trás.

OPEN TOWARDS HANDLE

É o que está escrito em um enorme contêiner de lixo nas mãos de um varredor do terminal, que parou um instante para conversar com Augusta. “Pô, eu não falo inglês, eu falo brasileiro”, protesta um dos usuários, reclamando também dos filmes estrangeiros exibidos nos ônibus de viagem. Paulo, de pouco mais de 25 anos, tinha acabado de sair do banho e dobrava sua toalha, tremendo um pouco de frio. Comentou que na terra dele é gelado assim só no mês de São João, “mas o forró levanta o fogo”. Estava voltando para casa em Irecê, a terra do feijão: “Ah, você cozinha bastante, mistura com farinha e come com bisteca”, explica, sobre a melhor maneira de preparar o feijão-de-corda.

Uma vez por mês, ele sai de sua cidade, na Bahia, para comprar bijuterias na 25 de Março. Passa o dia fazendo compras, toma banho no terminal e volta. O nome de sua loja: Caraíbas Fashion. Onde os funcionários falam brasileiro.

Da área feminina do banho sai a perfumada Tatiane, esposa de Paulo, com um brinco de pedras coloridas e um colar vermelho (a cor mais vendida em Irecê). “Se a gente compra trezentos pares de brinco vermelho, vende que nem água”, declara. Ela senta, termina de enxugar os pés e se levanta: é hora de partir. São 38 horas de viagem, mas Paulo observa que as condições da estrada são razoáveis e dá pra aguentar o caminho todo numa boa. Tatiane lança um olhar indignado, põe a mão na cintura e diz que tudo bem, até Brasília não há problemas. Depois disso, “é tudo um cocô, buraco atrás de buraco”. O marido fica envergonhado e ela dá risada, puxando-o pelo braço até a plataforma.

Cruzando o caminho do casal de Irecê, o moço da limpeza passeia de lá pra cá com seu carrinho importado: uma luz laranja no topo, piscando, e muitos sacos de lixo, vassouras e materiais de limpeza organizados em pilhas. “É italiano!”, diz o orgulhoso motorista-limpador. “Só tem três deste tipo aqui”, informa, manejando o enorme escovão que limpa o caminho. Todo o lixo é recolhido no contêiner *Open towards handle*, estacionado próximo ao balcão de Augusta. Aqui e ali, um pouco de sujeira se prende nos buracos e cantinhos em

declive do piso cinza, mas não faz mal: dali a poucas horas tudo estará sujo novamente; um carregador passará com um chiclete preso no tênis, um segurança espalhará pocinhas de lama com seu sapato molhado, uma funcionária derrubará um copo de café sem querer e logo alguém vai surgir com uma vassoura motorizada, abrindo caminho entre os que vão e vêm.